

## TEMPO E ASPECTO, TEMPO E MODALIDADE: DE VOLTA AO FUTURO\*

Telmo Corrêa ARRAIS\*\*

---

*RESUMO: As diferentes relações entre tempo e aspecto, de um lado, e tempo e modalidade, de outro, são analisadas quanto à dêixis, para posterior análise do valor modal do tempo futuro. Ressalta-se o caráter dêitico-temporal da situação canônica da enunciação, ou ponto-zero do tempo, que o falante pode usar para identificar um dos possíveis estados-de-mundo e ao qual pode relacionar outros estados-de-mundo por meio de tempo e da modalidade.*

*UNITERMOS: Tempo; aspecto; modalidade; dêixis; enunciação; estado-de-mundo.*

---

Émile Benveniste, em seu conhecido ensaio “Da subjetividade na linguagem” (2), afirma que “a linguagem está organizada de tal forma que permite a cada locutor *apropriar-se* da língua inteira designando-se como *eu*.” (2, p.183). Daí colocar os pronomes pessoais como o primeiro ponto de apoio para a difusão da subjetividade na linguagem, dos quais dependem, por sua vez, outras classes de pronomes que compartilham do mesmo estatuto. Aponta, ainda, os indicadores da *dêixis* – demonstrativos, advérbios, adjetivos – que organizam as relações espaciais e temporais em torno do “sujeito” tomado como ponto de referência: “isto, aqui, agora” e suas numerosas correlações – “isso, ali, ontem, o ano passado, amanhã”, etc. E o autor arremata: “Têm por traço comum definir-se somente em relação à instância de discurso em que são produzidos, quer dizer, sob a dependência do *eu* em que aquela se anuncia.” (2, p.183).

Fácil é compreender que o domínio da subjetividade abrange a expressão da temporalidade. Isso porque, qualquer que seja o recorte do tempo no sistema de uma língua, a linha divisória é sempre uma referência ao “presente”. E esse “presente”, por

---

\* O texto constitui a versão escrita da exposição feita em mesa-redonda sobre “Semântica: Tempo e Aspecto Verbal”, realizada na Semana de Semântica, de 21 a 23 de novembro de 1990, na UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.

\*\*Departamento de Linguística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800 – Araraquara – SP.

sua vez, tem por referência temporal um dado lingüístico único: a coincidência do acontecimento descrito com a instância do discurso que a descreve\*.

Assim, a questão fundamental sobre o *tempo* é que se trata de uma categoria *dêitica*. Uma proposição temporalizada, portanto, será não apenas delimitada ou restrin- gida pelo tempo: ela conterà alguma referência a algum ponto ou período do tempo que só pode ser identificado em termos do ponto-zero da enunciação.

As línguas costumam, pois, apresentar certa organização lingüística da noção de tempo. Pouco importa, do ponto de vista semântico, que tal noção que se marque na flexão do verbo ou mediante partículas, advérbios etc. – isso é questão da estrutura formal da língua. De uma ou de outra forma, é possível depreender nas línguas a no- ção de tempo: seja um passado e um futuro separados por um presente; seja um pre- sente-passado oposto a um futuro; seja um presente-futuro distinto de um passado. Trata-se comumente de distinções susceptíveis de variações de aspecto, ainda que esta última categoria tenha proeminência formal em numerosas línguas.

A distinção tripartite de passado, presente e futuro não só não é inerente à estru- ra de qualquer língua, como não é sequer essencial para definição de tempo. Uma vez que podemos identificar o ponto-zero temporal da situação canônica de enuncia- ção, podemos definir uma variedade de distinções potenciais de tempo em termos de *simultaneidade vs. não-simultaneidade, proximidade vs. não-proximidade, anterio- ridade vs. posterioridade*. Seja dado  $T_0$  como ponto-zero (referido pelo advérbio ‘a- gora’, em português). Teremos:

- (i) se  $T_i = T_0$ ,  $T_i$  fará referência ao mesmo tempo que  $T_0$  e portanto definirá a noção de tempo *presente*;
- (ii) se  $T_i \neq T_0$ ,  $T_i$  fará referência a algum ponto ou período de tempo que não é simultâneo a  $T_0$ , e definirá o não-presente (que pode ser referido pelo advérbio ‘então’, em português);
- (iii) se  $T_i < T_0$  (“ $T_i$  é anterior a  $T_0$ ”),  $T_i$  fará referência a algum ponto ou pe- ríodo no passado;
- (iv) se  $T_i > T_0$  (“ $T_i$  é posterior a  $T_0$ ”),  $T_i$  fará referência a algum período no futuro.

Se traçarmos ainda uma distinção entre *pontos* do tempo e *períodos* de tempo, per- mitindo que um ponto possa ser incluído num período ( $T_i \supset T_0$ ), podemos estabelecer distinções potenciais a mais como a distinção entre o presente pontual e o presente contínuo. Em todos os casos, é o dêitico ponto-zero,  $T_0$ , que faz com que estabele- çamos uma distinção de tempo.

---

\* É conhecida a menção de Benjamin Lee Whorf à língua Hopi, segundo o qual essa língua não apresenta qual- quer referência ao tempo, de forma explícita ou implícita. Betriz N. O. Longo (3, p.125-126) se apóia nos ar- gumentos de B. Comrie para sustentar que qualquer cultura apresenta o conceito de tempo, embora em algu- mas falte a conceptualização de “mudança qualitativa associada ao deslocamento temporal”. Ou seja, em to- das as línguas apresentam mecanismos gramaticais para expressar a localização no tempo, o que não quer di- zer que as culturas de que tais línguas são a expressão não tenham um conceito de tempo, já que, “mesmo nessas culturas, há relatos que se referem claramente a um tempo passado, ou até mesmo a uma idade de ouro futura.” (3, p.126).

Estamos chegando, assim, a uma noção bem ampla de tempo, que abrange algo da noção de aspecto. Essa é, aliás, uma confusão que faz a grande maioria de nossas gramáticas. Nelas, o termo “tempo” cobre não apenas as oposições Passado/Presente/Futuro, mas também uma gama de outras distinções relacionadas e subordinadas a tempo, tratadas pelos lingüistas sob o nome de “aspecto”. Vejamos aqui apenas alguns pontos da conexão entre tempo e aspecto\*.

O primeiro ponto que difere o aspecto, como categoria gramatical, do tempo, é que ele é *não-dêitico*\*\* . O aspecto trata de distinções como *extensão no tempo vs. instantaneidade*, *complemento vs. não-complemento*, e *interação vs. não-interação* e está bem fixado no conjunto das línguas do mundo, possivelmente mais que a categoria de tempo. É muito comum, contudo, que as línguas apresentem tanto tempo como aspecto. As gramáticas do português, na sua quase totalidade, não só não dão nenhum tratamento sistematizado à categoria do aspecto, como nem mesmo se referem a ela ou, quando o fazem, é a propósito dos *valores* de certos tempos verbais. Tal descuido é tanto mais incompreensível quando se sabe da fixação paradigmática, no pretérito, de formas de *imperfecto* opostas às de *perfeito*, quando se sabe da riqueza de construções aspectuais com perífrases e do fato de ser o português uma das poucas línguas em que se encontra lexicalizada a oposição aspectual *ser/estar*\*\*\*. O que é certo é que a distinção semântica entre *Ele trabalhou*, *Ele trabalhava* e *Ele tem trabalhado* é não-dêitica.

O segundo ponto a destacar nas distinções entre tempo e aspecto é que, embora se encontrem comumente numa mesma língua, é comum a existência de lacunas e assimetrias entre eles. Por exemplo, na maioria das línguas as oposições aspectuais *perfectivo vs. imperfectivo* aparecem gramaticalizadas nas formas de tempo pretérito e não nos outros tempos. Além do mais, se traçarmos um conjunto de oposições possíveis de valores aspectuais, do tipo:

- (i) *estativo vs. não-estativo*;
- (ii) *durativo vs. não durativo*;
- (iii) *pontual vs. não-pontual*;
- (iv) *progressivo vs. não-progressivo*;

observaremos que algumas dessas distinções binárias podem ser tomadas como mais básicas que as outras e gramaticalizadas em línguas particulares.

Até aqui, assumimos tacitamente que tempo e aspecto são partes do conteúdo proposicional de um enunciado. Vamos, agora, relacionar a categoria de tempo à de *modalidade*, para apreciarmos, a seguir, o valor modal do tempo futuro.

\* Para uma visão mais ampla das relações entre tempo e aspecto, cf. Lyons (4, p. 703 e ss.).

\*\* Cf. a consideração do aspecto em Beatriz N.O.Longo: “uma categoria não-dêitica através da qual se quantifica o evento expresso pelo verbo ou se expressa a constituição interna de frases, momentos ou intervalos de tempo que se incluem nesse evento” (3, p. 105).

\*\*\* Cf., a esse respeito, Maria Helena Mira Mateus *et al*, 5.p. 123-124.

Já sabemos que cada enunciado estabelece seu próprio ponto de referência espaço-temporal – o ponto-zero do sistema dêitico – em relação com o qual as entidades, eventos e estados referidos pelo locutor podem ser identificados. Como vimos, esse ponto-zero de referência é um componente temporal que pode ser simbolizado como  $T_0$ . Tal ponto do tempo pode ser usado para identificar um dos pontos possíveis estados-de-mundo,  $W_0$ , ao qual o falante pode referir-se na enunciação e ao qual pode relacionar outros estados-de-mundo por meio do tempo e da modalidade\*.  $W_0$  é o estado-de-mundo concebido pelo falante em  $T_0$ , ou seja, é o estado presente do mundo atual.

Mas o estado presente do mundo atual pode ser relatado em termos de tempo passado ou futuro com relação a um estado-de-mundo anterior ou posterior ( $W_i$ ). Assim, a proposição

(1) *Esteve chovendo (ontem).*

pode ser interpretada: “Eu digo aqui e agora (em  $T_0$ ) – foi o caso de ( $T_i < T_0$ ) – estar chovendo.” Se o passado é visto como um estado-de-mundo precedente ao tempo de enunciação, o futuro deve ser visto como posterior a  $T_0$ . Assim, a proposição

(2) *Vai chover (amanhã).*

pode ser interpretada: “Eu digo aqui e agora (em  $T_0$ ) – será o caso de ( $T_i > T_0$ ) – estar chovendo.” (onde  $T_i$  é um ponto ou período de tempo posterior a  $T_0$ ).

Dessa forma, o falante, ao enunciar uma ou outra oração, está apresentando como um fato contido em  $W_0$  que esteve ou estará chovendo em  $W_i$ . A plausibilidade semântica desta interpretação de tempo é aparentemente revelada em enunciados como:

(1') *É um fato (em  $W_i$ ) que esteve chovendo (em  $W_j$ )*

(2') *É um fato (em  $W_i$ ) que vai chover (em  $W_j$ )*

Este último é, contudo, problemático, pois no momento da enunciação de (2), o seu valor de verdade é indeterminado. Em outros termos: só pode ser asseverada na modalidade do factual uma proposição cujo valor de verdade seja determinável em  $T_0$ .

Comparem-se agora os enunciados (1) e (2) com os seguintes:

(3) *Pode ter chovido (ontem).*

(4) *Pode vir a chover (amanhã).*

(5) *Podia ter chovido (no dia anterior).*

(6) *Podia vir a chover (no dia seguinte).*

Estes podem ser assim parafraseados:

(3') *É possível (em  $W_i$ ) que tenha chovido (em  $W_j$ ).*

(4') *É possível (em  $W_i$ ) que venha a chover (em  $W_j$ ).*

(5') *Era possível (em  $W_i$ ) que tivesse chovido (em  $W_j$ ).*

(6') *Era possível (em  $W_i$ ) que viesse a chover (em  $W_j$ ).*

Cada um desses enunciados modalizados pode ser interpretado, em ocasiões particulares de enunciação, em termos da modalidade epistêmica tanto subjetiva como objetiva. Assim, (3) e sua paráfrase (3') pode ser construído como significando tanto.

---

\* Para melhor compreensão da noção de “mundo possível”, cf. E. Bach (1, p.19-32). Cf. também a análise, a respeito, de J. Lyons (4, p.809-823)

“Possivelmente (em To) – é assim (em Ti) – ter chovido (em Tj)” ou

“Eu digo (em To) – é possível assim (em Ti) – ter chovido (em Tj)”. Em ambos os casos  $To=Ti$   $Tj$ . (5) difere de (3) em que  $To>Ti>Tj$ . Assim também, enquanto em (4)  $To=Ti<Tj$ , em (6)  $To>Ti<Tj$ .

Podemos agora usar os índices temporais para distinguir os mundos *em* que as proposições não verdadeiras dos mundos *de* que as proposições são verdadeiras. Por exemplo, quando (1) é enunciado como declaração, ele pode ser construído como significando: “Eu declaro aqui e agora (em Wo) que foi verdadeiro em Wi que a proposição ‘estar chovendo’ foi verdadeira de Wj”. Em outras palavras: chover é um fato que é parte de Wi, um estado prévio do mundo atual; e “ter chovido” é uma proposição que descreve, ou é verdadeira de, outro estado-de-mundo, Wj, anterior a Wi. De modo semelhante, (4) *Pode vir a chover (amanhã)*, quando enunciado como declaração objetivamente modalizada, pode ser construído como significando: “Eu declaro (em Wo) que é possível em Wi (=Wo) que ‘vir a chover’ será verdadeiro de Wj (>Wo)”.

O mundo do fato e da possibilidade objetiva (Wi) é em princípio um mundo diferente tanto do mundo descrito pelo conteúdo proposicional de um enunciado (Wj) como do mundo em que o enunciado é feito (Wo); e estes três mundos podem ser relacionados temporalmente de todos os jeitos. Numa dada situação, mesmo enunciados como (7):

(7) Ontem era possível que chovesse amanhã.

são interpretáveis como objetivamente modalizados, a possibilidade de um evento futuro  $Wj>Wo$  sendo declarada como um fato que era verdadeiro em certo estado passado do mundo atual,  $Wi<Wo$ , mas que não é mais necessariamente verdadeiro em Wo.

Mais comumente, entretanto, em enunciados em que a referência de Ti é passado em relação a To e a referência de Tj é futuro em relação a To, Wi será interpretado antes intencionalmente que extensionalmente: não como um mundo de fatos e possibilidades objetivas, mas como um mundo composto de expectativas, predições e intenções subjetivas. Assim, em (8):

(8) João estava para vir amanhã.

numa interpretação intencional de Wi podia conter aproximadamente o mesmo significado que *João disse que viria amanhã, João tencionava vir amanhã, Disseram-me que João viria amanhã*.

Essa distinção entre interpretação intensional e extensional do futuro pode ser também traçada em relação a oração do tipo (2), “Vai chover (amanhã)”. Essa questão da factualidade de declarações descritivas ou predictibilidade de eventos futuros é controversa desde os filósofos antigos; e muitos ainda negam que possamos fazer asserções sobre o futuro, na medida em que não temos conhecimento, mas apenas crenças, sobre estados-de-mundos futuros. Uma asserção que descreve um evento futuro é, necessariamente, um enunciado subjetivamente modalizado: uma predição antes que declaração. Desse ponto de vista, a diferença entre (2) *Vai chover (amanhã)* e (4) *Pode vir a chover (amanhã)* depende da avaliação subjetiva do falante sobre a probabilidade de “vir a chover” ser verdadeiro do Wj. O falante pode tratar o futuro

como conhecido, como um fato que pertence a  $W_i (=W_o)$ , quer ele esteja epistemologicamente justificado ou não. Ele pode até dizer, sem violentar a estrutura do português, “*Eu sei que vai chover amanhã*”; e pode mesmo encaixar uma oração de futuro como complemento do verbo factivo “saber”, atribuindo conhecimento do futuro a outra pessoa, como em “*Ele sabe que vai chover amanhã*”.

A não factuality do futuro determina que a possibilidade de asseverar enunciados descrevendo conteúdos proposicionais localizados no futuro da avaliação que o falante faz da necessidade, probabilidade de ocorrência desses conteúdos. Em outras palavras: a asserção de tais enunciados funda-se na relação epistêmica do locutor com os conteúdos proposicionais que eles descrevem. No português, a seleção dos tempos e modos verbais utilizados na expressão do futuro é determinada pela modalidade em que a proposição é asseverada pelo locutor:

- (9) a. No próximo mês, as tarifas públicas vão aumentar.  
 b. Quando escurecer, acendo os faróis.  
 c. A ciência vai descobrir a cura da AIDS ainda nesta década.

A noção de futuro, nos enunciados acima, está expressa pelo uso de formas do presente do indicativo, exprimindo que o falante considera *necessária* a ocorrência dos conteúdos proposicionais neles descritos. Assim, em (9a), o falante, em virtude de certo conhecimento do mundo – por exemplo, como habitante do Brasil sabe que a inflação constante leva a reajustes mensais das tarifas –, *tem a certeza de que* “as tarifas vão aumentar”, dado, pois, como epistemicamente necessário; em (9b), um dado conhecimento do mundo – que inclui o saber das regras de trânsito sobre a necessidade do uso dos faróis para dirigir de noite – leva o falante a reconhecer como *obrigatório* “acender os faróis”, ou seja, tal dado como deonticamente necessário; enfim, em (9c), o falante manifesta a convicção de que *é necessário acreditar* que “a AIDS vai ter cura”.

ARRIS, T.C. *Tense and Aspect and Modality: Back to the Future*. Alfa, São Paulo, v. 35, p. 11-17, 1991

*ABSTRACT: The different relationships between tense aspect, on one hand, and tense and modality, on the other, are analysed in terms of deixis. This provides the background for the future tense modal value analysis. It is pointed out the deictic-temporal nature of the canonical situation of the utterance act, or the time-zero which the speaker uses to identify one states of possible worlds and to which other states of world may be related by means of tense and modality.*

*KEYWORDS: Tense; time; aspect; modality; deixis; utterance act; state of world.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BACH, E. *World enough and time. In Informal lectures on formal semantics*. New York: State University of New York Press, 1989, p.19-32.
2. BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística general*. 6.ed. México: Siglo Veintiuno Editores, 1970.

Alfa, São Paulo, v. 35, p. 11-17, 1991.

3. LONGO, B.N.C. *A auxiliaridade e a expressão do tempo em português* Araraquara: F.C.L. de Araraquara, 1990. Tese (Doutorado).
4. LYONS, J. *Semantics 2*. Cambridge University Press, 1977.
5. MIRA MATEUS, M.N. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.